

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. o n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXV Volume — N.º 1223	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$000	3\$950	3\$120	20 de Dezembro de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



SR. DR. VELOSO REBELO NO SEU GABINETE DE TRABALHO

CRONICA OCCIDENTAL

Estão, n'este momento — consoante declaram os jornais — iniciando os seus trabalhos, os delegados á Conferencia Europea, reunidos no velho e aristocratico palacio de Saint-James, em Londres, pelo esforço diligente e cauteloso de sir Edward Grey.

Ali, naquela velha residencia realenga, se erguerá aos ventos contrarios da discussão, o destino de boa-parte da Europa — quiçá — da Europa inteira.

Por momentos, em treguas alentadôras, os encarniçados beligerantes do extremo-orient europeu repoisam os seus canhões febricitados. Os campos respiram agora livremente aliviados das nevoas espessas de fumo e sangue que sobre elles, nos ultimos tempos, tragicamente pairaram.

Os homens e as coisas acalmam-se e calam na ancia ofegante da expectativa.

E, sómente, lá, ao longe, o morbo-colérico enerva e prostra vidas na impassibilidade fria e indifferente dum ciclo fatal. A atenção inquiridôra de todo o mundo desvia-se das planicies turbi-

lhoadas da Thracia para se fixar na assembleia magna da capital britanica.

As potencias silenciam e refreiam os despeitos exacerbados e largas ambições. Daqui a poucos dias terá desfecho a guerra balkanica ou incendiária e quebrará freios, em ira, uma espantosa conflagração universal. Entretanto, a opinião tingem-se de côres alacres de optimismo.

De facto, a situação internacional era quasi insustentavel.

A Europa não podia assistir serenamente ao desenrolar do longo e sangrento estendal de miserias pelos movimentados campos do Epiro, Macedonia e Thracia.

A Turquia podia, nos ultimos tempos, ser denominada, muito bem e com propriedade, o Imperio da Morte.

Parecia que a Morte-Vermelha tentava construir, nos vastos campos, sobre os destroços dos homens e das coisas, o seu fúnebre trôno de despotismo.

Mortos, em esteira, pelas linhas de combate. Colonias numerosissimas de feridos.

Famintos, em febre e convulsos. Pilhagens. Violações. Familias em luto e debandada.

O leão turco, em arrancos, em delirio, parecia

querer sacrificar sobre o altar da Patria os ultimos pêlos da sua apodrecida juba.

E o mundo presenciava horrorizado e aterrado o barbaro espectáculo.

Alevantavam-se protestos. Ecoavam nos corações palavras de agoiro.

Borborinhavam na alma profecias negras.

As potencias inquisitorialmente examinavam e iam calculando.

E a guerra continuava sempre mais desvairada e assoladôra.

Os aliados vitoriosos alargavam irritada e irritantemente o ambito das suas pretensões. Fogosos, dominando o turco imbele, não se dominaram convenientemente a si proprios. A intriga diplomatica fervilhou. Esmordaçavam-se — a ocultas.

Entretanto, a Austria começava a erguer-se e esculpir-se em espetro de terrôr deante dêles. De vez em quando, fazia um gesto grave e impositivo. Tomou uma attitude dubia. Defrontou-se, reservada mas iniludivelmente, em conflito com a Servia.

O conflito austro-servio pareceu agravar-se...

Os horisontes anuviavam-se, desanuviavam-se e reanuviavam-se.

Foi então que sir Edward Grey se lembrou de promover, em Londres, no palácio de Saint-James, antiga sede da aristocrática corte inglesa, a Conferencia Europeia.

Evidentemente, o assunto a debater é a situação politica internacional e a guerra balkanica. Os delegados á Conferencia, que ali acorrem, em representação, dos mais diversos paizes, hão-de empregar esforços:— por liquidar o conflito austro-servio;— homologar a divisão dos territorios conquistados;— por fazer o apuramento e distribuição da divida otomana;— e assentar e regular os interesses materiais e morais das potencias na peninsula balkanica.

Eis as questões que têm a resolver.

E das resoluções tomadas pelos plenipotenciarios agora reunidos em Londres, dependerão os destinos da guerra, talvez o equilibrio europeu, e — quem sabe? — os destinos da Europa e do mundo. Por isso, todos os olhares se voltam neste momento e fixam insistentemente no palácio de Saint-James.

Portugal olha, entre curioso e assustado.

Porque, dependendo, o equilibrio europeu, do caminho enveredado pelos delegados á Conferencia, Portugal sabe muito bem que só ao equilibrio europeu pode dever garantias de intangibilidade nas suas possessões e plena autonomia na sua vida politica. Aberto o sorvedouro tenebroso duma guerra universal, seriamos nele imediatamente afundados e aniquilados — imediatamente e irremissivelmente. E' certo — não estamos já na epoca arbitraria do seculo quinhentos.

A opinião de que poderemos ser absorvidos num tempo mais ou menos proximo pela ganancia fanfarrona da nossa vizinha Espanha ou outra mais alentada potencia — é tóla e absurda.

Mas o que é inegavel, é que vivemos da bôpaz diplomatica europeia e da inveja mutua, cerrada e ciosa das potencias.

Simplemente — todo o nosso dominio continental e ultramarino podia ser vendido aos retalhos como a tunica inconsul de Cristo.

Parece que os nossos mais distintos e conscienciosos homens-do-estado — que são acabrunhadôramente rarissimos — não ignoram isto. Mas se não ignoram isto, não sabem mais, ou melhor, não procuram compreender e saber mais...

Conhecem quam melindrosa é a nossa situação. Não atinam, porém, com o processo de a desassombrar e desanuviar...

Dia a dia, os jornais nos dão laconicamente a noticia de que desoladôramente das nossas provincias — Minho, Extremadura, Alemtejo — se levantam mais e mais, em familias, em bandos, multidões de gente sã e trabalhadora que vão emigrando para longinquas regiões, braços musculosos em febre e no olhar a visão consoladora dum futuro melhor e mais garantido. Partem e partem, sem remorsos, sem tristezas nem saudades, seguindo na vida, calosos e temperados nas vicissitudes dos tempos, aquele velho e sédico aforismo: «A minha patria é onde estou bem». E partem e partem, sem tristezas nem saudades, e os parentes e amigos ficam, enlevados no sonho de aventuras felizes, mergulhados no banho arripiante do seu desalento, desconsolados na sua invalidês que os prende forçosamente á terra natal...

No entanto, perdem-se de vista, por esse Portugal fóra, terrenos vastissimos que permanecem infultos e estereis.

Rarissimas são as estradas que facilitem transportes e numerosas as veredas, entrecruzando-se, caminhos-de-cabras, traçados á pressa, pela urgencia da vida quotidiana. Linhas-ferreas não sobejam e muitas delas, como as da Beira Baixa, são percorridas vergonhosamente, por ímundos e incômodos carroções. Capitais quedam-se immobilizados e os seus dónos desperdiciosos e desdenhosos andam foragidos, amaciando as agruras dum voluntario exílio, com os luxos caros das estranhas.

Alguns dos nossos politicos sentem a responsabilidade da nossa condição e promovem conferencias, agora que nada podem já ocultar, expondo a nu a nossa chaguenta miseria. E falam do muito que nos falta e riem ímpudentemente e ímpudentemente rimos do pouco que temos.

Vislumbram e comparam as riquezas das grandes potencias e aventam a hipotese possível de sermos invadidos e conquistados e riem e rimos da nossa desgraça.

E, na verdade, ao espetáculo duma miseria tão dolorida e dum riso tão idiota e vergonhoso — nós, também, rimos, em silencio, meigamente. Os nossos homens-de-governo ainda não sentiram, sequer, nos trabalhados cerebros, um ligeiro estremeção de remorço, por têrem aposentado de cargos publicos funcionários competenti-

mos que se retiraram á vida privada, gosando ociosos e desprevenidos o rédito fixado, e têrem preenchido essas vagas parvoínnamente com a corpulencia valorosa de muito bôas-criaturas, mas ínexperientes e íncapazes sob os cargos que se impozeram.

A intriga política ferve. Odios exacerbam-se. Nos cafés e chás, nos restaurantes e pacatas casas de familias, vem ainda o boato rijo e poeirento, a ventoinhar cabecinhas, a provocar gritinhos em gargantas estridulas de sogras, e a estesiarem honrados moços, gososos, na expectativa de escândalo grosso.

For vezes, nesta vida politica, pequenina e barulhenta, supuram casos que tem um certo picante de graça inofensiva...

Veja-se o caso serio-comico do tenente Santos!

ANTONIO COBEIRA.



Dr. Anibal Veloso Rebelo

E' de um distintissimo diplomata, sr. dr. Veloso Rebelo, que a nossa sociedade já conhece vantajosamente, pois em Lisboa tem desempenhado o alto cargo de encarregado de negocios do Brasil, na ausencia dos respetivos ministros, que temos hoje de escrever algumas linhas para acompanhar o seu retrato nesta revista, que assim vae opulendo a sua galeria de individualidades distintas em todas as manifestações da inteligencia e atividade humanas.

E como o adjetivo distinto é aqui apropriadamente cabido referindo se ao sr. dr. Veloso Rebelo!

Não é simplesmente a finura e amabilidade do trato peculiar ás pessoas de educação e illustradas que temos a apreciar no sr. dr. Veloso Rebelo, mas sim a dupla individualidade do homem de letras e do jurisconsulto, que se completa no homem de gabinete, no diplomata.

Este conjunto, que aliaz se encontra em alguns notaveis diplomatas, é, contudo, invulgar.

Cultivar as belas letras ao mesmo tempo que se manuseiam os codices e neles se estudam as leis e questões de direito, são especies que raro se conciliam num mesmo espirito, sendo preciso para isso dispôr de capacidade intelectual privilegiada.

Só o talento vence estas dificuldades, e é assim que a par do publicista que ativamente colaborava na imprensa do Rio de Janeiro e, em 1898, vae ser correspondente da *Fôha da Tarde*, em Paris, o sr. dr. Veloso Rebelo, publica na *Revue de l'Institut de Droit Comparé de Bruxelles* bem elaborados artigos sobre a nova legislação brasileira.

Eram estes os preliminares da sua carreira publica e official.

O sr. dr. Veloso Rebelo inicia os seus estudos superiores pelo curso de Medicina; desvia-se, porém, deste curso e entra como adido ao Secretariado da Assembleia do Estado do Rio de Janeiro e aos ministerios da Instrução Publica e do Interior. Entretanto faz o curso de Direito na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, e abre, na Capital Federal, escritorio de advogado.

E' pouco depois que entra na vida diplomatica, indo para a legação do Brasil, em Roma. Em 1902, é chamado para secretario do grande estadista Joaquim Nabuco, chefe da missão da delimitação de fronteiras na Guyana Inglesa. Em 1905 é nomeado secretario da embaixada em Washington, logar que desempenhou superiormente até 1907, em que acompanha á Europa Joaquim Nabuco. E' então nomeado para a legação de Bruxellas, onde se conserva até vir para Lisboa.

Em Bruxellas escreve e publica as seguintes obras: *La lettre de change et billet à ordre* (lei de 31 de dezembro de 1908); *La nouvelle loi brésilienne sur les Faillites* (1909); *Le Régime des Terres Vacantes au Brésil* (1909); *Aperçu des sources historiques du Droit brésilien* (1911). Escreve ainda a parte referente ao Brasil, no livro de Gaston Moch: *Histoire Sommaire de l'Arbitrage Permanent* (Paris, 1910). Já depois destes trabalhos aparece, na *Revista do Instituto do Direito Comparado de Bruxellas*, um importante artigo seu sobre a organização do juri no Brasil, artigo a que encontramos uma referencia na *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro de 3 de novembro ultimo, que cita uma carta dirigida ao sr. dr. Veloso Rebelo pelo notavel jurisconsulto

belga dr. A. de Busschen, presidente da Corte de Apelação de Bruxellas, em que este magistrado faz os maiores elogios áquele artigo.

Em uma revista diplomatica de Bruxellas encontramos um artigo firmado por M. le Conte de Reynode, em que se lê:

M. A. Veloso Rebelo, primeiro secretario que foi da legação do Brasil em Bruxellas, acaba de ser nomeado socio efetivo da Internacional Law Association, de Londres; da American Society of International Law, de Washington; da American Academy of Social and Political Science, de Philadelphia; da Société de Droit Economie Politique Comparées, de Berlin; socio correspondente da Sociedade de Geografia, de Lisboa; do Ateneu de Guatemala; da Société de Legislation Comparée, de Paris; e renovado por mais um quatrienio o seu mandato de membro do Conselho do Instituto de Direito Comparado de Bruxellas.

No referido artigo de M. le Conte de Reynode lêmos também as seguintes palavras elogiosas do merito do illustre diplomata:

«O sr. dr. A. Veloso Rebelo continua a ser um diplomata trabalhador distinguindo se com vantagem na Belgica. Acaba de desempenhar de fôrma notavel as funções de encarregado de negocios do seu país, em Portugal, durante um longo periodo.»

De facto o sr. dr. Veloso Rebelo deu as melhores provas de competencia no desempenho de tão altas funções junto do governo português.

Tendo sempre em vista bem servir os interesses do seu país, soube manter sempre as melhores relações com o nosso país, irmão do seu, partilhando da mesma historia e refletindo-se-lhes todo um glorioso passado.

No ultimo aniversario da Republica do Brasil, que passou em 15 de novembro findo e que o povo português festejou em Lisboa, entre essas festas destacou se um Numero Unico Especial, colaborado por escritores portugueses, e que o Grupo Pró Patria fez distribuir no sarau do Coliseu para celebrar aquela data.

Entre a seléta colaboração literária desse numero encontramos um belo artigo do sr. dr. Veloso Rebelo que, sob o titulo da *Monarquia á Republica*, resume brilhantemente esse periodo historico do seu país.

A esse artigo damos gostosamente cabimento nesta revista, porque é ele uma pagina gloriosa da historia do Brasil esboçada ligeiramente, mas com firmeza de apreciação dos factos.

Como se lê, facil nos foi a tarefa de ter de escrever algumas linhas para acompanhar o retrato do sr. dr. Veloso Rebelo que se apresenta com tão valiosa bagagem.

CAETANO ALBERTO



Da Monarchia á Republica

Os partidarios da Republica no Brasil fóram sempre augmentando desde a proclamação desse regimen em 15 de novembro de 1889.

Essa mudança politica não surgiu inesperadamente com a revolta militar chefiada pelo marechal Deodoro da Fonseca.

A finalidade continental — eis a formula que explica sociologicamente o facto.

A monarchia não tinha raizes no Brasil. O seu prestigio foi o da pessoa do monarcha D. Pedro II cuja popularidade não se poderá contestar.

A nobre pessoa do segundo Imperador do Brasil impunha-se por si mesma: alliava a esse dom pessoal, grande intelligencia e muita cultura de espirito, que fóram devidamente apreciadas nos centros de grande civilização europeia. Sem taes predicados e sem embargo mesmo dos grandes estadistas que a monarchia teve ao seu serviço, a republica teria sido proclamada em periodo anterior. Tanto é verdadeira esta asserção, que a mudança do regimen, só foi considerada opportuna no momento em que o monarcha foi declarado affectado no seu estado de saude, que a direcção dos negocios publicos lhe foi por assim dizer, interdita pelos medicos, foi um respeitador da Constituição — e só isto bastaria para explicar o seu prestigio — pois durante o seu reinado o systema parlamentar teve vida real no Brasil e se alguma vez a sua opinião se impoz ou prevaleceu nos seus ministerios, creando o que então se chamou o poder pessoal, exerceu essa pressão n'um interesse todo elle moralizador.

Os republicanos sempre lhe fizeram justiça e hoje mesmo, apesar de ser relativamente curto o período histórico, vão se levantando estatuas do monarca na Capital Federal e nas capitais dos estados federados e pensa-se em trasladar, como derradeira homenagem, os seus restos mortaes para a terra que elle tanto amou.

Dentre os republicanos, alguns fôram mesmo seus amigos, porque elle era um monarca á maneira moderna, respeitando e praticando principios de verdadeira democracia, tendo principalmente em verdadeira consideração o real merito dos homens a qualquer partido que elles pertencessem. A sua influencia foi assim tão grande, que alguns republicanos abandonaram as fileiras do seu partido para tomarem logar entre monarchicos avançados, como aconteceu com Lafayette Pereira, Silveira Martins, Salvador de Mendonça e outros.

E' preciso fazer igualmente justiça aos estadistas do Imperio que fôram todos homens de grande valor. Bastará citar nomes ao acaso e a difficuldade estará então na escolha d'elles: José Bonifacio, Cayru, Montezuma, Sergiô de Macedo, Nabuco, o visconde do Rio Branco, Cote-gipe, Paulino de Sousa, Sousa Dantas, o Marquez de Paraná, o visconde de Ouro Preto e tantos outros.

A acção benéfica do imperante teve como resultado 40 annos de paz interior.

Não quer isto dizer que o germen republicano não tivesse existido sempre no Brasil. A primeira metade do seculo passado contou muitas revoluções locais, que representavam aspirações republicanas e federalistas. D. Pedro I teve de lutar contra esse partido, relativamente forte, que não lhe perdoou a dissolução da Constituinte de 1823.

A revolução de Pernambuco chegou mesmo a ter um governo organizado.

Minas Geraes e mais tarde o Rio Grande do Sul fôram as guardas avançadas da Republica. Esta ultima provincia declarou-se independente em 1834 e lutou durante dez annos pelo seu ideal republicano.

A questão excravocrata, movida principalmente pela opinião extra-parlamentar, que começou com a abolição do trafico em 1851, tomou feição definitiva com a lei de 28 de setembro de 1871 que declarou livre o ventre da mulher escrava, gloriosa resolução do gabinete do visconde do Rio Branco, até o decreto da abolição immediata e incondicional em 13 de maio de 1888, acabou por forçar a dynastia, pois que a monarchia só sobreviveu á lei emancipadora pouco mais de anno.

Dessa epoca de propaganda abolicionista destacam-se dois vultos d'uma tenacidade invencível e de uma coragem espartana — José do Patrocínio, jornalista e orador popular, movendo as massas que se iam apaixonando pela causa da opressão dos negros, e Joaquim Nabuco, parlamentar eminente que, pelos seus discursos, forçou o ministerio Dantas a fazer da questão um dos pontos de programma do seu governo, interessando n'ella tambem a sociedade brasileira em cujo seio occupava logar proeminente e levando a propaganda aos centros de grande cultura europeia, onde a imprensa aconselhava os governantes a resolverem de prompto esse problema ao mesmo tempo humanitario e de grande alcance economico.

O proprio Papa não foi indifferente a essa magna questão.

O esclavagista de então, tão forte era a corrente da opinião abolicionista, tornava-se emancipador dos seus proprios escravos, cedendo os seus instinctos conservadores, á força da idéa sustentada por tão altos espiritos. Assim tambem os monarchistas fôram se tornando insensivelmente republicanos e servindo com lealdade o novo regimen, certos de que serviam de preferencia a Patria Brasileira livre e cooperando para a marcha ascensional que ella vem seguindo até hoje.

O primeiro ministerio constitucional da Republica contou em seu seio, o barão de Lucena, presidente da Camara dos Deputados no tempo da monarchia, e o conselheiro Alencar Araripe, que foi ministro de D. Pedro II.

Antigos monarchistas, de immenso valor, occuparam logares importantes na Republica — inclusivé dois dos seus presidentes — os conselheiros Rodrigues Alves e Affonso Penna. O proprio Nabuco foi o primeiro que occupou a mais alta dignidade na diplomacia brasileira, tendo sido o primeiro embaixador brasileiro nos Estados Unidos da America do Norte.

Não quer isto dizer que no período verdadeiramente inicial, não tivesse predominado o espirito de intransigencia e mesmo de sectarismo. Proclamada a Republica pelo exercito, teve ella

nos militares os seus melhores defensores e a mocidade das escolas militares educada nos principios do seu grande mestre, que foi o general Benjamin Constant Botelho de Magalhães, a alma da conspiração anti-monarchica, fez com que a doutrina positivista prevalecesse em diversas manifestações de ordem externa. O prestigio dessa pleiade de jovens academicos, foi grande se attendermos a que, a exemplo do mestre, juntaram ao grande valor intellectual o valor moral.

Exemplo frisante do que affirmo temo-lo no proprio pavilhão brasileiro. A bandeira, symbolisa os elementos dominantes na occasião. A legenda — Ordem e Progresso — é obra exclusiva dos positivistas e representa a base indestructivel da evolução politica. A conservação das côres nacionaes pareceria indicar, que ellas não representavam sómente o regimen monarchico. Acresceente-se porém que a tradição historica era, como vimos, revolucionaria. A propaganda nas escolas superiores preparára uma geração senão positivista ao menos integralmente republicana. Muitos dos proprios conservadores agitavam-se constantemente e á guiza de protesto contra os ministerios de occasião, appellavam para a mudança de regimen. Releva mesmo notar que fôram elles que favoreceram sempre as idéas liberaes e que a monarchia caiu, tendo no poder um chefe do partido liberal. Alguns monarchistas que se consideravam incompatíveis com a Republica, fôram quasi todos filiados no partido liberal.

O governo provisório não foi tão pouco uma unidade revolucionaria, nem apresentou uma feição exclusivamente militar apesar de ser o seu chefe um marechal e chefe prestigioso do exercito.

O elemento civil estava representado em maioria, contando-se entre elles o chefe dos evolucionistas do partido republicano, o brilhante jornalista Quintiino Bocayuva e Campos Salles, grande jurista e chefe do partido democrata de S. Paulo.

A supremacia do exercito representada ao mesmo tempo pelo chefe do poder executivo, que foi o marechal Deodoro da Fonseca, exerceu-se com a fiscalisação de um conselho civico em que as cabeças pensantes mediam-se pela estatura d'aquellas que acabo de citar e mais pela do eminente Ruy Barbosa, que teve a parte mais delicada, que foi a da direcção das finanças.

Foi um período de grande actividade administrativa o do Governo Provisorio, e um dos seus primeiros cuidados foi a reforma radical de quasi toda a legislação. Antigas aspirações liberaes como a Separação da Igreja do Estado, a instituição do casamento civil, a secularisação dos cemiterios, a justiça em summa, o que era o mais forte alicerce da Republica, foi o primeiro objecto da attenção dos governantes. A legislação obedeceu á orientação dos codigos mais modernos e a justiça federal, foi moldada por uma das mais perfeitas do mundo inteiro, que é a americana do norte.

A instrução publica foi modificada em todos os seus graus, dando-se-lhe mais amplidão e orientando a de modo mais racional. Com a descentralisação republicana assumiu uma feição nova em quasi todos os estados federados, a pratica foi-se impondo pouco e pouco ao lado da theoria. Hoje o Brasil conta bastantes escolas de agronomia e zootecnia de grande alcance para o futuro economico desse paiz, sem contar as muitas faculdades de direito, de medicina e de engenharia em quasi todos os seus ramos.

*
* *

Certamente o trabalho de consolidação da Republica não poderia fazer-se sem attrictos nem revoluções.

Os prejuizos que advieram para o regimen fôram apenas do momento.

Pequenos nucleos de descontentes, mais pelo interesse pessoal contrariado, do que pela firmeza das idéas e fidelidade ás anteriores instituições, estabeleceram uma campanha de descrédito contra a Republica, que se tornou formidável, actuando sobretudo no estrangeiro e acarretando um período de sublevação interna.

A revolução de 31 de novembro de 1893, conhecida pelo nome de restabelecimento da legalidade, foi o epilogo de semelhante campanha inutil e que só produziu prejuizos momentaneos.

A victoria do governo do marechal Floriano Peixoto, então no poder, foi a affirmação solemne de que a Republica se achava de vez consolidada. O instincto de conservação dos velhos batalhadores da democracia, levantou contra todos os elementos de desordem os batalhões patrioticos, que se impuzeram pela coragem civica

com que defenderam e sacrificaram as suas vidas pela Republica, em combates sangrentos como o da Armação ou nas campanhas do Rio Grande do Sul, onde os descontentamentos acumulados no organismo nacional, arrebataram na morte a figura desanimada, e talvez arrependida, de um dos mais gloriosos paladinos da historia militar brasileira — o almirante Saldanha da Gama.

Consolidada a Republica, vemos que o seu activo de melhoramentos no Paiz é enorme.

Remontando mesmo ao tempo da monarchia, que se prolongou por mais de 60 annos, nada se encontra que se possa comparar aos serviços que os estadistas brasileiros tem prestado á sua Patria nestes ultimos annos.

Nenhuma figura teve o prestigio externo de que gozou o grande chanceller que acaba de desaparecer, o barão do Rio Branco, de que todos se lembram hoje com saudosa veneração, nenhum teve a popularidade, nem se impoz tanto á gratidão e ao applauso unanime da nação inteira.

O Brasil caminha, progride, e está destinado a representar um grande papel na politica americana.

As cidades surgem, transformam-se e remodelam-se com uma actividade febril, só comparavel á dos americanos do norte. Os grandes homens desaparecem e substituem-se. Ha o verdadeiro culto pelo trabalho e o nivel intellectual sobe dia a dia.

Quem alguma vez pensou na herança pesada que seria para o seu successor a da pasta do exterior depois da morte de Rio Branco e vê a seguir no dia immediato occupar o mesmo posto um homem da estatura de Lauro Müller, pôde bem avaliar a prodigalidade d'aquella terra quanto á intelligencia e ao preparo dos seus estadistas.

Só isto é bastante para se prevêr qual será o futuro do Brasil.

A. VELLOSO REBELLO.



Exposição de aguarelas do sr. João Cabral

No palacio Foz, naquella opulenta habitação fidalga, que nos prende e enleva, logo que transpomos o rico portão de custosas madeiras artisticamente entalhadas, e entramos na magestosa escada marmorejada de colunas de afestoados relevos, por sobre os lambris de antigos e belos azulejos de graciosas composições, e subimos os breves degraus por entre os varandis de ferro forjado em caprichosas curvas de ornato de que balouçam delicadas flôres, chegamos ao patim superior, que fórma galeria, e pelas altas paredes se estendem grandes telas de quadros antigos de mestres da pintura, sentimo nos como que em um ninho de arte, que a riqueza e o bom gosto ali teceu, para goso do espirito e deleite dos olhos.

Assim dispostos, nesta visão do belo, entrámos na sala á esquerda e por suas paredes escurecidas de custoso carvalho apainelado, vimos dispostas, em bom fundo, grande numero de aguarelas (127 diz o catalogo), em que o seu autor, sr. João Cabral, apresenta, motivos dos Açores, de Gibraltar, Tanger, Algeciras e Portugal, contando estudos, esboços, croquis, manchas e apontamentos, segundo se lê no dito catalogo.

E' grande a variedade dos assuntos: paisagem, marinhas, vistas, ruas e casas, etc., mas, não sabemos se pela influencia que em nosso espirito acabava de operar toda a grande arte que nos dominou antes de entrarmos naquella sala, predispondo nos na ancía de vermos coisas belas, é certo que a vistosa exposição só nos poude impressionar muito calmamente, sem aquele entusiasmo que fala ao espirito, que toca a sensibilidade.

Mas se o nosso modo de vêr, não nos permitiu, acaso, apreciar um conjunto belo em que a arte e talento se medissem vigorosamente, algumas das aguarelas do sr. João Cabral distinguem-se não só pela escolha do assunto como por uma mais feliz execução.

Estimamos que um artista que se apresenta com tão grande cabedal de trabalho, encontre compensação aos seus esforços, nesta terra tão ingrata para as coisas de arte.

O sr dr. Manuel de Arriaga deu exemplo, adquirindo, na sua visita, tres das aguarelas mais bonitas expostas, uma das quaes, *Castanheiro na quinta Arriaga*, que adeante reproduzimos, em gravura.

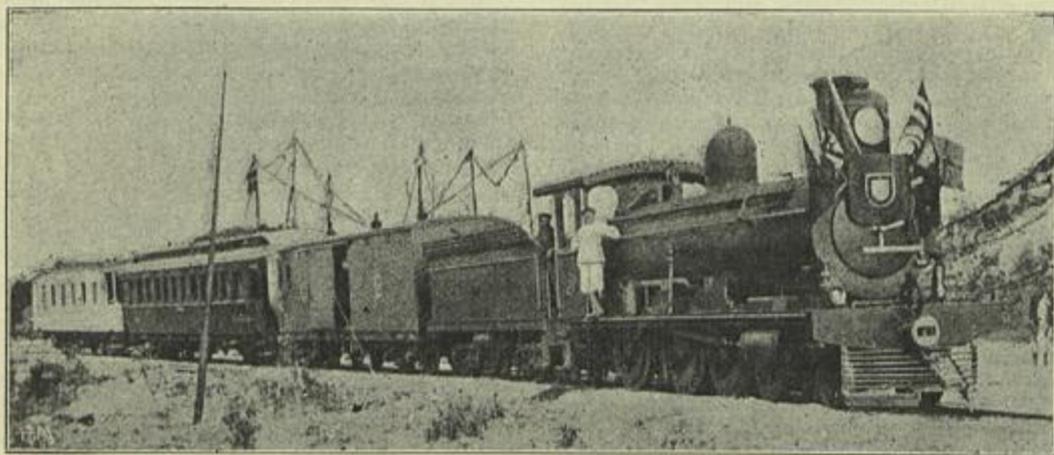
C. A.



EXPOSIÇÃO DE AGUARELAS DO SR. JOÃO CÂBRAL

CASTANHEIRO NA QUINTA ARRIAGA, HORTA, AGUARELA ADQUIRIDA POR SUA EX.^a O PRESIDENTE DA REPUBLICA

Caminhos de Ferro na África Portuguesa



INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE BENCUELA AO HUAMBO

culavel desenvolvimento pelo transporte de mercadorias e passageiros da Africa oriental, dirigindo para esta linha que lhe incurta as distancias e lhes poupa tempo, embarcando no porto do Lobito, onde, na sua magnifica bahia, podem entrar grandes trasatlanticos que, confiadamente, ali acudirão quer da Europa, quer da America.

Com as vantagens que o porto do Lobito e o novo caminho de ferro, atravessando a Africa, oferecem ao comercio e aos viajantes, não será para admirar que o porto de Lourenço Marques, na Africa Oriental, perca muito da sua importancia, em favor do novo porto do Lobito.

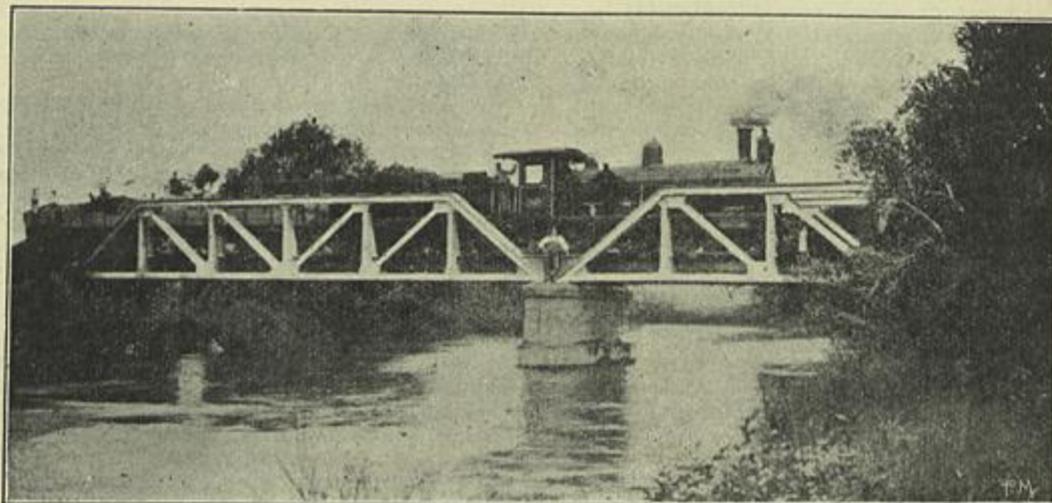
São as naturais consequencias do progresso com que uns ganham e outros perdem, mas as compensações virão com o aumento progressivo do movimento comercial.

Assim se vae afirmando o progresso das colonias portuguezas a despeito de toda a malidicencia dos cobiçosos que não cessam de propalar que as votámos ao abandono...

Acha-se construido mais um troço de caminho de ferro de Benguela, do kilometro 355 a 426, atingindo o planalto do Huambo. Este troço considerado o de mais difficil construção, pois as altitudes a atravessar apresentam variantes de nivel acima do mar de 2 e de 1854 metros, foi inaugurado e aberto á exploração no dia 21 de setembro, inaugurando se tambem nesse dia, com toda a solemnidade oficial a nova cidade de Huambo, no planalto, região riquissima pela fertilidade de seu solo, o que assegura á nova cidade o ser mais um importante centro de comercio, pois ali acodem os produtos agricolas do interior.

Vencidas as dificuldades do troço de caminho inaugurado, facil se torna concluir o restante até terminus da linha posta em comunicação com a costa oriental.

O caminho de ferro de Benguela fica sendo o maior da Africa Portuguesa e o de mais garantido rendimento, pois que ele atravessa não só grande extensão como regiões de muita riqueza natural a explorar. Além disto, concluida que seja toda a linha, o seu trafego atingirá incal-



PONTE DO RIO ALTO, NO CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA AO HUAMBO

PELOS TEATROS



TEATRO DA REPUBLICA — «ALJUBARROTA», 4.º ACTO, ULTIMA SCENA — MORTE DE AFONSO DOMINGUES (BRAZÃO), DRAMA DE RUY CHIANCA
(Cliché A. Lima)



ALJUBARROTA, 3.º ACTO, ULTIMA SCENA, A DERROCADA DA ABOBADA DE DAVID OUGUET — Afonso Domingues esclama: «...o resto não cae. E' obra minha»
(Cliché Benoiel)

PELOS TEATROS

República

Neste elegante e concorrido teatro da nossa capital, tem-se representado nos ultimos dias com assombroso exito, uma peça historica versegada, em 4 actos, que o môço dramaturgo, Ruy Chianca, estreitando-se, intitulou — *Aljubarrota*.

Não temos a honra de conhecer pessoalmente o festejado mancebo. Dizem-no modesto, excessivamente modesto, retraído, sem tôlas e aggressivas pretensões, não frequentando *côtés* nem tertulias literarias. Tem, pois, qualidades morais que grangeiam a nossa estremecida simpatia e respeito.

O concerto de louvôres que se ergueu em volta da sua personalidade e obra, muito antes, mesmo, de representada, chamou a nossa atenção curiosa e fez-nos aproximar do teatro português de que ha muito nos tinhamos arredado por demasiado susceptíveis incompatibilidades com representações pessimistas e más obras dramaticas. Aproximámo-nos do teatro português, dispostos a aplaudir, a levantar as nossas mãos divinamente incendidas de entusiasmo, a assistir ao glorioso resurgimento do teatro nacional. Começou por chocar-nos o anacronismo.

A peça teria o seu logico successo, ahi, cerca de 1860, no velho teatro do Principe Real.

O scenario, a vestimenta, a disposição das figuras, os oitopes, as longas tiradas de efeito, tudo nos levava a evocar com nostalgia veladamente ironica, as sessões barulhosas desse antigo teatro.

Com efeito, o nosso publico é sempre o mesmo. E se para alguma coisa nos serviu a *Aljubarrota*, foi precisamente para bem avaliarmos do nível intelectual do nosso publico e seu bom gosto artistico.

Nos finais dos actos, os espectadores emocionados levantavam-se de rompante levando o autor e actores bem alto na apoteose da sua grita estrondante.

Ruy Chianca manifesta certamente na sua obra apreciaveis qualidades de dramaturgo. A maneira como elle sabe usar dos seus trucs scenicos — um pouco sédicos e grossulos — é habil.

Encarada do ponto de vista literario, *Aljubarrota* não é legivel. Pertence á categoria de obras dramaticas que são para serem representadas a um certo publico e jamais, de modo nenhum para serem lidas.

Os versos são frouxos. A imaginação fraca. O vocabulario restricto. Não é um poeta, o sr. Chianca. Como obra teatral, permita-se-nos que observemos ao simpatico mancebo, que lhe faltam, infelizmente, o alcapão, a espada sangrenta, e a padeira de Aljubarrota. Ao entretanto falta unidade e continuidade. E' uma sequencia de episodios anedoticos, arrancados de certo modo á poeira da historia, e cosidos a linha branca que o autor não soube colorir de côr vital.

Não queremos agora alargar-nos em considerações que seriam indubitavelmente sinceras e bem intencionadas, nem sempre favoraveis ao autor e actores, mas talvez tomadas num proposito de verriena.

No entanto, reconhecemos que a peça foi admiravelmente lançada ao seu publico.

Ter um publico — é já alguma coisa neste caótico paiz e Ruy Chianca conquistou o, de direito.

Seguindo o caminho encetado, terá, sem grandes canceiras, a admiração, sempre e sempre, do seu publico, e sempre e sempre, o carinho dos seus actores. Porque, inegavelmente, o genero de teatro que o sr. Chianca tão bem cultivava, empolga as plateias, não lhe ha de enfraquecer e desequilibrar o sistema nervoso e não diminuirá chorume aos nossos apreciados actores.

Na representação da *Aljubarrota*, temos a destacar Ferreira da Silva, que não invalidou a sua justa e grande reputação.

ANTIOCO.



O que se chama em geral retrato: é o conjunto de dois olhos, duma boca, de um nariz, que se alguma vez se chega a parecer com algum, infelizmente não é com a pessoa que esteve colocada diante do pintor.

ALPHONSE KARR.

PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

A Guerra dos Balkans

O sr. Poincaré, no discurso pronunciado na comissão dos negocios externos da camara francesa explicou as phases do conflicto balkanico, evidenciando os esforços empregados pelas grandes potencias para a manutenção da paz. Fez uma exposição clara, completa e nitida dos acontecimentos balkanicos e da sua repercussão internacional, mostrando que a França, a Inglaterra e a Russia sempre estiveram de perfeito accordo nesta questão, e que a Triplice-Entente constitue um solido bloco.

A Allemanha notou-lhe uma contradicção no facto de afirmar que nenhuma potencia europeia pode tentar arrancar aos Estados balkanicos o fructo das suas victorias e que as operações militares não constituem um facto consummado.

A Triplice-Entente, representada pela imprensa francesa, responde porém dizendo que não ha contradicção: — os Estados balkanicos não conservarão talvez todos os territorios turcos que occupam militarmente, sobretudo na Thracia e na Albania, mas isso a que elles terão de renunciar não poderá ser-lhes arrancado em proveito d'outra grande potencia.

Poincaré defendeu o principio solemnemente proclamado por todas as grandes potencias de que ellas se não aproveitarão das condições actuaes para adquirir novos territorios nos Balkans, e mostrou a necessidade de que os povos balkanicos se mantenham perfeitamente unidos.

A divergencia da Grecia não representa ruptura de relações entre ella e os outros estados balkanicos. Também o Montenegro, que precedeu a Servia e a Bulgaria no rompimento de hostilidades com a Turquia, estava em completo accordo com os outros estados.

Comprehende-se a recusa na assignatura do armistício por parte da Grecia, desde que se tenha em attenção a necessidade para ella de manter constante vigilancia no mar Egeu e de promover o avanço de tropas no Epiro, provincia promettida aos hellenos no protocollo adicional do tratado de Berlim. Além d'isso, não conseguiram ainda fazer capitular as guarnições turcas do interior das ilhas de Mitylene e Chios.

Os gregos não admittem a accusação de infidelidade ao pacto de alliança balkanica, e fazem até notar que a Turquia só muito tarde lhes declarou guerra, tendo-lhe feito promessas muito tentadoras, que elles repelliram energicamente.

Ninguem na Grecia ignora que as victorias ganhas pelas tropas do *diadoque* são devidas em grande parte ao exercito bulgaro; mas também se deve notar que foi devido á acção da esquadra grega no mar Egeu, retardando a chegada de tropas turcas da Asia, que o exercito do rei Fernando conseguiu as suas brilhantes victorias.

O exercito hellenico revelou também notavel energia, percorrendo 450 km. de terreno difficil para conseguir tomar ao inimigo optimas posições. Devem mencionar-se as batalhas de *Sarantaporos*, *Elassona*, *Dripotamos*, *Yenitze*, *Discata*, *Banitzá* e a tomada de *Salonica*. Os tropheus d'estas rapidas e brilhantes campanhas falam bem alto: — 35.000 prisioneiros turcos, com um general em chefe, 100 canhões e 77.000 espingardas.

Diz-se pois que existe completo accordo entre Athenas, Sofia, Belgrado e Cettigne e que os estados balkanicos farão bloco na conferencia de Londres, não cedendo um passo nas reivindicações dos territorios que occupam effectivamente, isto é, toda a Turquia da Europa, exceptuando a região de Constantinopla, pois entendem que o imperio ottomano não deve manter-se na Europa além do Ergene até á Midia, no mar Negro, ficando Adrianopla, Kirk Kilisse e Lule-Burgas na posse da Bulgaria.

Qual é a partilha entre os alliados na vespera da conferencia de Londres? Vejamos. A Bulgaria estender-se-ha pela região ao sul da sua fronteira actual até ao mar Egeu, entre o golpho d'Orfani e o de Enos; a este desce ao littoral do mar Negro até á Midia, d'onde, por uma linha passando entre Lule-Burgas e Istrandja, attingiria o Ergene, seguindo a fronteira até o ponto onde essa ribeira se lança no Maritza, cujo curso acompanha até o mar Egeu. D'este modo, a Bulgaria possuiria todo o rico littoral do mar

Egeu com os portos de Dedeagatch, Kavala e Orfani. A linha fronteira bulgara subiria para noroeste na direcção de Seres, contornando a Chalcidica, Salonica e Doiran, que ficariam á Grecia; seguiria o curso do Vardar até Koprulu, d'onde, a direito para o norte, attingiria a fronteira que separa actualmente a Bulgaria da Servia.

A Bulgaria ganharia assim um accrescimento consideravel de territorio, e, pela sua dupla posição no mar Negro e no mar Egeu, teria probabilidades de vir a ser uma grande potencia naval.

A Grecia receberia todo o Epiro até Delivno, na costa Albanesa; d'ahi a sua linha fronteira subiria a Florina até o ponto de contacto da nova fronteira servio-bulgara; estender-se-hia para leste pelo traçado já indicado para a fronteira bulgara, envolvendo Salonica, Doiran e Chalcidica, até o golpho d'Orfani.

A Servia seria augmentada com um territorio quasi equivalente ao seu territorio actual. A leste teria por limite a linha já indicada para a fronteira bulgara, cortando o Vardar na altura de Koprulu e attingindo a nova fronteira grega entre Vodena e Florina; a oeste seria separada da Albania por uma linha que, partindo do lago d'Ochrida, iria a Dibra, e d'ahi em recta á costa do Adriatico, ao sul d'Alessio. Ficaria á Servia a costa entre Alessio e S. João de Medua; mas este porto caberia ao Montenegro.

A fronteira servio-montenegrina partiria do sul de S. João de Medua, subindo a nordeste até perto de Diakova e depois para noroeste até perto de Ypek, cidade que pertenceria á Servia, e cortaria o Sandjak de Novi-Bazar até o ponto extremo da fronteira actual entre a Servia e a Bosnia.

Nesta partilha ficariam á Bulgaria: Adrianopla, Kirk Kilisse, Demotika, Dedeagatch, Kavala, Drama, Orfani, Radovitza e Istip; á Grecia: Salonica, Doiran, Vodena, Verria, Serva, Kistoria, Argyrocastro e Janina; á Servia: Monastir, Dibra, Alessio, Uskub, Prizerend, Ipek, Mitrovitza e Novi-Bazar; ao Montenegro: Berana, Cussigne, Tuzi, Scutari e S. João de Medua.

Quanto á Albania independente, a sua fronteira partiria do sul de Alessio a Delvino, ao longo da costa; e, para este, passaria ao sul de Dibra, e ao norte de Argyrocastro, cortando á esquerda do lago d'Ochrida. Comprehenderia, portanto, como cidades principais, Valona, Elbassan, Berat, Tirana e Durazzo.

Taes são as reivindicações que os alliados sustentarão energicamente no curso das negociações iniciadas a esta hora no palacio de S. James.

No entanto, Adrianopla, Scutari e Janina mantem heroica resistencia e parece mesmo que os turcos d'esta ultima cidade teem ganho terreno contra os gregos. O *A corão* prescreve aos musulmanos que não cedam aos infieis nenhuma cidade, senão quando a sua defesa se torne insustentavel; sendo, portanto, de crêr que o *Cheik-Cheik-ul-kul-Islam* e os *hedjas* se neguem á rendição d'estas tres cidades, aliás já partilhadas.

A questão entre a Servia e Austria tem offerecido phases algo ameaçadoras para a paz da Europa, que, indecisa e oppressa, observa a grande mobilisação de tropas austro-hungaras para a fronteira russo-servia, em numero respeitavel de 900.000 homens; o movimento das esquadras no Danubio e no Adriatico.

Segundo o *Wiener Allgemeine Zeitung*, já não se trata sómente da questão do porto no Adriatico. O que a Austria chama a *questão servia*, resume-se no proposito de esmagar esse estado slavo que pretende renascer das suas cinzas, fazendo corpo com os seus congêneres da Macedonia, e aquirindo a sua independencia. Eis o grande perigo, já reconhecido pelas aspirações bulgaras e servio croatas dos subditos dos *Habsburgo*.

Convidada para fazer parte da conferencia dos embaixadores, proposta por Sir Edward Grey, e que se realizará quasi parallelamente com a conferencia balkanica, a Austria-Hungria accetia, com a condição que o seu conflicto com a Servia fique fora do programma.

E' questão a dirimir entre ella e a sua vizinha, e se algum indiscreto pensar em perturbá-la nesse amavel colloquio, terá como adversario não só a Austria, mas também a Allemanha, como bem o mostrou o discurso de Kiederlen Waechter.

A *Triplice-Alliança* acaba de patentear se em toda a sua realidade pela renovação do seu tratado assignado no ministerio dos negocios estrangeiros de Vienna. Essa alliança na sua origem (1879) limitava-se apenas á Austria e á Allemanha, e estipulava que se um dos dois impe-

rios viesse a ser atacado pela Russia, o outro seria obrigado a prestar ao seu aliado o concurso de suas armas. Essa dupla alliança transformou-se em 1882 em tripla alliança com a entrada da Italia, ignorando, todavia, as condições apresentadas pela nova associada. O tratado foi renovado em 1887, 1891, 1902 e agora (5 de dezembro) com uma antecipação de 18 meses, pois terminava em 1904 (28 de junho), facto que provocou grande espanto em toda a Europa e nomeadamente na *Triplique-Entente*. A verdade, porém, é que essa renovação vinha já sendo falada desde março, quando o imperador Guilherme esteve em Veneza com Victor Manoel. D'ella se tratou nas visitas do conde de Berchtold a Berlim e San Rossore (24 de maio e 22 de outubro); na entrevista do chanceller allemão e do ministro dos negocios estrangeiros austriaco em Buchlau (setembro); na viagem do marquês de S. Giuliano á capital allemã (2 a 4 de novembro).

Na vespera das negociações para a regularização do novo estatuto balkanico, as potencias da Triplique Alliança quizeram dar provas da sua solidariedade e da sua força.

A attitude bellica da Austria-Hungria para com a Servia surge agora bem manifesta, em virtude da substituição do ministro da guerra e do chefe do estado maior, respectivamente os generaes Auffenberg e Alexandre de Schemua, pelos generaes Krobatin e Conrad von Hoetzendorf, que gosam de grandes sympathias em toda a monarchia dualista, e são de absoluta confiança tanto do imperador como do principe herdeiro, o archi-duque Francisco Fernando.

O general Conrad von Hoetzendorf foi sempre considerado como o unico chefe do exercito numa situação critica. Deixou o posto de chefe do estado maior em dezembro do anno passado, por desintelligencia com o conde de Aerenthal, que lhe não supportava a attitude aggressiva para com a Italia na questão da defesa militar da fronteira meridional da monarchia, e tambem por causa de susceptibilidades com a Russia, por occasião da annexação da Bosnia, em que Hoetzendorf se mostrou partidario d'uma intervenção militar na Servia. O conde de Aerenthal, porém, não queria que se derramasse uma gotta de sangue para se effectuar essa annexação.

Para aplacar a irritação italiana, Aerenthal fez substituir Conrad pelo general Schemua, agora novamente destituído em favor d'aquelle, com evidente desagrado da Italia.

A nomeação de Conrad e Krobatin, logo após a renovação do tratado de alliança, e no momento em que o exercito de primeira linha da monarchia austro-hungara atinge o numero formidavel de 900:000 homens e na vespera da abertura da conferencia de S. James, constitue, sem duvida, um facto de alta significação por parte da Austria Hungria.

Convem ainda acrescentar que o general Hoetzendorf teve recentemente uma entrevista com o chefe do estado maior allemão, indo em seguida conferenciar a Bucarest com o ministro da guerra rumeno, que passa por ser partidario da guerra contra a Servia.

Na abertura do parlamento, o rei Carlos, em seu discurso, sublinhou muito frisantemente as palavras referentes a attitude do exercito, disposto a salvaguardar efficazmente os interesses da Rumania, e que, se o governo de Bucarest havia observado stricta neutralidade nos acontecimentos que se produziram nos Balkans, tinha no entanto plena consciencia do seu dever, e dos interesses geraes da nação. D'onde se conclue que a Rumania se esforçará para alcançar compensações antes que se regule definitivamente a nova situação entre os Estados balcanicos e a Turquia. Quer ella uma compensação pelo enorme accrescimento de que a Bulgaria vae beneficiar, e que poderia comprometter a situação rumenia. Ora, como pela sua posição geographica a Rumania não pode reivindicar uma parte dos despojos ottomanos, só a Bulgaria lhe pode fazer uma concessão de territorio do lado da sua fronteira commum, entre o Danubio e o mar Negro.

Em Sofia não se negam a uma ratificação de fronteiras, mas não admittem a cessão da região comprehendida entre a fronteira actual e Varna. Mostram-lhes que devem antes olhar para as fronteiras austro-rumenias e que geographicamente deviam fazer parte da Rumania. Mas a sua ligação com a Austria-Hungria desvia-a d'esse caminho.

A Rumania queixa-se das sevicias exercidas contra os *Kutzo valachios* da Macedonia, do lado do Epiro, os quaes formam pequenos grupos, que durante muito tempo foram considerados como gregos, mas em que ha uns vinte annos se reconheceram afinidades ethnicas como vala-

chios da Rumania. D'aqui uma serie de conflictos que a guerra balkanica veiu agravar, sendo, talvez, mais um pretexto para a intervenção austriaca. Compreende-se o seu alarme, sabendo-se que o litigio grego-rumano começou logo depois das visitas do general Conrad a Bucarest, e do herdeiro da Rumania a Berlim.

Lisboa, 18 - XII - 12.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Saudades de Portugal

Versos de Mariano Gracias

No seu desterro occasional, ainda, talvez, mais árido e mordente que o exilio obrigatorio, porque, quando as exigências especulativas da vida repellem a nossa actividade para longe do ceu que nos doirou os primeiros sonhos e do mar que nos embalou na caricia das primeiras esperanças, raramente o nosso espirito se affaz, só transitoriamente se liberta na contemplação doutros ceus, na cadência extranha doutros mares — quiz o poeta abrir toda a sua alma, pombal amantissimo, donde uma revoada de azas brancas — as pombas da saudade — se evolou soluçante em busca d'um longinquo paraíso...



MARIANO GRACIAS

Assim foi e assim deve ser.

Nas noites solitárias, como nas manhans ruidosas, na caligem das brumas como na faiscação da luz, sempre o mesmo fantasma que nos ronda, sempre a mesma miragem, fugitiva e linda, que nos sorri e acena — sempre a mesma oppressão e o mesmo encanto!

Tocado de áncias e sobresaltos, o coração de Mariano Gracias borbotou naturalmente em caudas de lágrimas — o preciosissimo crystal de que elle mais tarde formaria as límpidas estrofes das suas *Saudades*.

Em verdade lhe digo, meu caro poeta, que este é o seu melhor livro: sangue do seu sangue, fibra do seu peito, luz e pranto dos seus olhos!

Tão claro e tão sincero, tão suggestivo e tão bello que o hão de entender e apreciar ainda mesmo aquelles que, por uma feliz exclusão, imaginam que a Dôr seja um mal de estranhos...

Nestes tempos convulsos de bizarras esthéticas e de atormentadas theses psychológicas, que magoam a visão pela intensidade do relámpago e restriam a alma pela crueldade das syntheses, é consolador ouvir um poeta que canta e entenece como as aves, não tendo da vida senão a comprehensão relativa, mas sufficiente, para distinguir e amar tudo que ella possui de bello e grande, de nobre e generoso.

Soam me ao ouvido attónico as fanfarras dos demolidores em Arte, dos iconoclastas ardentes que derrubam sem piedade as velhas fórmulas e os velhos ídolos; vejo rolar, em catadupas, as hostes espumantes e sonoras dos precuresores que annunciam novas alvoradas em novos horizontes, como se ainda houvesse horizontes occultos e as alvoradas não se tingissem sempre das mesmas

côres, mais sóbrias ou mais fortes, mais diáfanas ou mais intensas; tumultuam, entrechocando-se, theorias decrépitas que pulverisam theorias de bronze, colossos formidaveis que esmagam espumas murmurantes...

Pois bem! — quando uma voz sincera se levanta, entoando a canção das suas alegrias ou soluçando a endecha das suas máguas, o tumulto retumbante apazigua-se e as turbas inquirirem, repentinamente commovidas, se será Salomão cantando ou se não é Bernardim Ribeiro que suspira?...

Ora, Mariano Gracias é, simultaneamente, um poeta e um artista: — sente sem saír de si mesmo e não interpreta senão travez do seu proprio temperamento. E' por isso que a sua obra impressiona e que a sua arte encanta.

Lê-lo, é reviver, no livro íntimo, uma página que as lágrimas empallideceram, um trecho ainda rescedente de perfume, ainda palpitante de sono evulado...

Que mais será preciso para que as *Saudades* tendo sido o sereno martírio, sejam tambem a justa glória do poeta?

Oiçâmos:

Como da propria dôr brota a ventura
e da noite resurge a flôr da aurora,
assim me regressou nesta tortura
a minha velha crença salvadora.

Se é sincero o soffrer, se a dôr é pura,
são-lhes cauterio o pranto de quem chora;
pois quanto mais é feia a noite escura
mais o luar a torna encantadora.

E a crença é o luar que hoje fluctua
nesta alma soffredora, irmã da tua,
que o teu longinquo olhar enche de brilho.

Por isso, á noite, quando a sós me deito,
eu beijo o teu retrato e o aperto ao peito,
e te abenço, ó mãe, e ao nosso filho!

Benção do desterrado chamou Mariano Gracias a este admiravel soneto, sínthese commovente dum estado de alma dilacerada pela ausencia de tudo quanto lhe era mais querido; e, na verdade, é de religiosa benção, de incommensuravel amor, de infinita protecção a ausencia d'estes versos, orvalho santo aljofrando de tão longe um coração de mãe embebido no sorriso do filho — tímido lyrio que nem sequer suspeita que a ventania pôde poupar a flôr, derrubando o roble...

Nos *Cantares*, duma suavidade tão nacional, tão communicativa, se as reminiscências doutro tempo affloram evocadas pelo sentimento do poeta, é ainda o alvôr melancólico do desterro que as illumina, é ainda um ancio de regresso que as faz palpitar nas cinzas apagadas que as suffocavam. E eu não sei explicar bem como Mariano Gracias, nas longas e desoladas horas da sua expatriação, pudesse soffrer tanto e tão resignadamente, que nunca da sua alma partisse um grito de revolta e desespero, uma ironia, um sarcasmo que toldassem a límpidez da sua máguá!

E agora, meu adoravel poeta, consinta que eu, cada vez mais obscuro, e já desfeito de escrever para público, termine estas baças linhas, válidas apenas pela sinceridade com que as traslado, e releia, uma vez mais, o precioso livro das suas *Saudades*, agradecendo-lhe, com o mais alto reconhecimento, o exemplar com que a sua velha amizade me brindou.

MANOEL DE MOURA.



Litteratura Estrangeira

VI

A'cerca do romance ANA KARENINE, de Tolstõ.

Mais uma primorosa obra de Tolstõ acaba a conhecida casa editora Guimarães & C.ª de publicar na sua escolhida *Colecção Horas de Leitura* e n'uma correcta traducção do sr. Vasco Valdez.

O entreccho do romance foi-lhe dado por um acontecimento verídico: a tragica morte de uma mulher que se lançou debaixo de um comboio. Tolstõ vira o cadaver mutilado d'essa mulher e

sentira uma pungente impressão. O contraste foi-lhe fornecido pelas reminiscências da poetica historia do seu casamento e dos primeiros annos da sua vida familiar.

Em conclusão: todos os acontecimentos descriptos na *Ana Karenine* estão ligados á historia da vida íntima de Lévine, isto é: á do proprio Tolstoi.

Crêmos que estes pormenores bastam para que os amáveis leitores e gentis leitoras d'esta *occidental* revista, cedam á tentação de lêr esse bello romance do notavel escriptor russo Tolstoi, já fallecido.

A Guimarães & C.ª agradeçemos a amabilidade que tiveram em enviarnos um exemplar da magnifica traducção que da *Ana Karenine* fez o nosso bom amigo Vasco Valdez

XXV-IX CMXII.

RUY D'ABOIM.



EM LISBOA — AS MANIFESTAÇÕES EM FRENTE DO PALACIO DA ASSOCIAÇÃO CENTRAL DE AGRICULTURA, CONTRA OS PROPRIETARIOS, EM 9 DO CORRENTE

(Cliché da «Mala da Europa»)

As manifestações populares contra os proprietarios

Nas propostas de fazenda apresentadas ao parlamento pelo sr. ministro das finanças ha uma que se refere á melhor distribuição e arrecadação do imposto predial e aumento do mesmo imposto. Esta proposta, levou os interessados a reunirem-se no intuito de formularem a sua representação contra o agravamento da decima predial, e de o apresentarem ao Congresso Nacional, usando assim do direito que a Constituição faculta.

Foi no dia 9 do corrente que, depois de alguns

trabalhos preparatorios, se reuniram, na Associação Central da Agricultura Portuguesa, alguns proprietarios rurales e urbanos, para discutirem e levarem ao parlamento a sua representação.

Ao mesmo tempo que isto se passava, um grande grupo de inquilinos tambem se reunia e veio para a praça Luis de Camões, protestar contra a projetada representação dos proprietarios, distribuindo um manifesto combatendo as exigencias dos senhorios que não pagam na proporção dos seus rendimentos, em quanto outros contribuintes pagam mais do que é razoavel.

O ajuntamento de povo e a distribuição do manifesto produziu os seus efeitos, e não tardou que a praça Luis de Camões se enchesse de povo, indo até ao largo das Duas Igrejas, onde é a sede da Associação de Agricultura, e se estendessem pela rua Garrett, todos discutindo em grande exaltação, e no intuito de não deixar reunir os proprietarios e ainda menos de permitir que levassem a sua representação ao Congresso.

A policia e cavalaria da Guarda Republicana, que acudiram ao local, foram impotentes para conter a multidão exaltada, que mais se exa-

cerbou com a presença daquelas forças, entendendo estas não dever recorrer aos meios extremos, para evitar maior desordem.

De tudo isto resultou que os proprietarios não puderam realizar a sua reunião nem levarem ao parlamento o seu protesto.

Entretanto um grupo de inquilinos dirigiu-se ás Camaras dos senadores e dos deputados e apresentou aos respetivos presidentes a sua representação contra o aumento de rendas de casa, a qual foi aceita para ser tomada na devida conta.

Sentimos ter que registrar factos desta natureza, sob um regimen democratico e liberal.

O MEZ METEOROLOGICO

Novembro de 1912

Barometro — Max. altura 774^{mm}.0 em 21.
» Min. altura 754^{mm}.9 em 30.

Temperatura — Max. altura 21[°].3 em 2.
» Min. altura 5[°].8 em 15.

Calor sensível a primeira decada (Max. mais fraca em 1—19[°].2) e temperatura normal, com algum frio accentuado, especialmente de 13 a 19, e de 20 a 26.

Chuva — 12^{mm}.0 em 8 dias.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 17 dias.

» Ceu nublado 13 dias.

Horas de sol — 212 horas e 24 minutos.

Nevoeiro — Em 4.

Almanaque Illustrado do «Occidente» PARA 1913

Está publicado e á venda em Lisboa e no Porto 100 réis, nas outras terras 120 réis

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30,000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13,500 réis e dos melhores tecidos inglezes desde 22,000 réis. Ha sobretudos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º — LISBOA

CONTRA A TOSSE

FAZDO PEITORAL JAMES

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com Medallas d'Ouro em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C.ª, Lisboa.

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaç por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis
Cada lata » » » 240 »

A' venda em todas as pharmacias